

EXERCÍCIOS

Instrução: Leia a crônica de Nelson Rodrigues para responder às cinco questões que se seguem.

O terreno baldio

Ah, como é falsa a entrevista verdadeira! Não sei se me entendem. Eis o que eu queria dizer: – trabalho em jornal desde os treze anos e tenho 55 anos. Façam as contas. São 42 anos. Depois de 42 anos de redação, o sujeito acumulou uma experiência em nada inferior às obras completas de William Shakespeare. Posso ir à boca de cena, alçar a (inde: frente e anunciar para a plateia: – “Eu vi tudo e sei tudo”. Não vejam imodéstia nas minhas palavras. Qualquer repórter de polícia, em fim de carreira, terá a mesmíssima vidência shakespeariana. O mérito não é nosso, mas estritamente profissional. E, depois de 42 anos de vida jornalística, posso repetir: – nada mais cínico, nada mais apócrifo do que a entrevista verdadeira.

Não me esquecerei nunca do meu primeiro entrevistado. Se não me engano, era o diretor da Casa da Moeda (ou seria da Imprensa Nacional?). Mas não importam os títulos do homem, nem suas funções.

O entrevistado é sempre o mesmo, variando apenas de terno e de feitio de nariz. No mais, há uma semelhança espantosa. Nem importa o assunto. Seja batalha de confete, ou Hiroshima, um cano furado ou os Direitos do Homem. O que vale é o cinismo gigantesco. O sujeito não diz uma palavra do que pensa, ou sente. E o pior é o gesto, é a ênfase, é a inflexão. O diretor da Casa da Moeda, que também podia ser da Imprensa Nacional, recebeu-me no seu gabinete. Falou uma hora, ou mais. Hora e meia. Mas fosse um Bismarck e daria no mesmo. Ele se perfilava para falar, como se a sua palavra fosse o próprio Hino Nacional.

Fiz outras entrevistas, centenas, dezenas de entrevistas. E todas me deixaram a mesma sensação de cinismo. No fim de alguns anos, eis a minha certeza definitiva, inapelável: – ninguém devia ser entrevistado, nem os santos. Até que, um dia, na crônica, ocorreu-me a ideia das “entrevistas imaginárias”. Aí estava a única maneira de arrancar do entrevistado as verdades que ele não diria ao padre, ao psicanalista, nem ao médium, depois de morto. Fascinou-me a “entrevista imaginária”. Precisava, porém, arranjar-lhe uma paisagem. Não podia ser um gabinete, nem uma sala. Lembrei-me, então, do terreno baldio. Eu e o entrevistado e, no máximo, uma cabra vadia. Além do valor plástico da figura, a cabra não trai. Realmente, nunca se viu uma cabra sair por aí fazendo inconfidências. Restava o

problema do horário. Podia ser meia-noite, hora convencional, mas altamente sugestiva. Nada do que se diz, ou faz, à meia-noite, é intrascendente. Boa hora para matar, para morrer ou, simplesmente, para dizer as verdades atroz.

Fiz “entrevistas imaginárias” com jogadores, dirigentes de futebol, literatos. Ainda anteontem, o Antonio Callado foi meu convidado no terreno baldio. Mas eu sentia, de maneira obscura, quase dolorosa, que faltava alguém no capinzal. “Mas quem?” – eis o que me perguntava. “– Quem?” E, súbito, um nome ilumina minhas trevas interiores: “– D. Hélder!”. De todos os vivos ou mortos do Brasil, era ele o mais urgente, o mais premente. E, de mais a mais, uma batina é sempre paisagística. Ontem, finalmente, houve, no terreno baldio, a “entrevista imaginária”. À meia-noite, em ponto, chegava d. Hélder. Lá estava também a cabra, comendo capim, ou, melhor dizendo, comendo a paisagem. À luz do archote, começamos a conversar. Primeira pergunta: “– O senhor fuma, d. Hélder?”. Resposta: “– A entrevista é imaginária?”. Acho graça: “– Ou o senhor duvida?”. E d. Hélder: “– Se é imaginária, fumo. Qual é o teu?”. Digo: “– Caporal Amarelinho”. Cuspiu por cima do ombro: “– Deus me livre! Matarato!”. Faço a pergunta: “– Que notícias o senhor me dá da vida eterna?”. Riu: “– Rapaz! Não sou leitor do Tico-Tico nem do Gibi. Está-me achando com cara de vida eterna?”. No meu espanto, indago: “– E o senhor acredita em Deus? Pelo menos em Deus?”. O arcebispo abre os braços, num escândalo profundo: “– Nem o Alceu acredita em Deus. Traz o Alceu para o terreno baldio e pergunta”. Ele continuava: “– O Alceu acha graça na vida eterna. A vida eterna nunca encheu a barriga de ninguém”.

D. Hélder falava e eu ia taquigrafando tudo. Aquele que estava diante de mim nada tinha a ver com o suave, o melífluo, o pastoral d. Hélder da vida real. E disse mais: “– Vocês falam de santos, de anjos, de profetas, e outros bichos. Mas vem cá. E a fome do Nordeste? Vamos ao concreto. E a fome do Nordeste?”. Não me ocorreu nenhum outro comentário senão este: “– A fome do Nordeste é a fome do Nordeste”. D. Hélder estende a mão: “– Dá um dos teus mata-ratos”. Acendi-lhe o cigarro. D. Hélder não para mais: “– Diz cá uma coisa, meu bom Nelson. Você já viu um santo, uma santa? Por exemplo: – Joana D’Arc. Já viu a nossa querida Joana D’Arc baixar no Nordeste e dar uma bolacha a uma criança? As crianças lá morrem como ratas. E o que é que esse tal de são Francisco de Assis fez pelo Nordeste? Conversa, conversa!”.

Lanço outra isca: “– É verdade que o senhor vai para o Amazonas?”. Riu: “– Onde fica esse troço?”

Ó rapaz! Ainda nunca desconfiaste que a fome do Nordeste é o meu ganha-pão? E o Amazonas é terra de jacaré. Tenho cara de jacaré?”. Concorde em que ele não tem nenhuma semelhança física com um jacaré. Indago: “– E o comunismo?”. D. Hélder conta: – “Quando estive nos Estados Unidos, boleei um cartaz assim: O arcebispo vermelho! Era eu o arcebispo vermelho, eu!”. Insinuei a dúvida: “– Mas esse negócio de comunismo é meio perigoso”. Nova risada: “– Perigosa é a direita. A direita é que não dá mais nada. O arcebispo vermelho fez um sucesso tremendo nos Estados Unidos”.

Pede outro cigarro. Fez novas confidências: “– Sou homem da minha época. Na Idade Média, eu era da vida eterna, do Sobrenatural. Fui um santo. É o que lhe digo: – cada época tem seus padrões. Benjamim Costallat, no seu tempo, era o Proust. O Charleston já foi a grande moda. Pelo amor de Deus, não me falem da vida eterna, que é mais antiga, mais obsoleta do que o primeiro espartilho de Sarah Bernhardt. Hoje, a moda não é mais Benjamim Costallat, nem o Charleston. Entende? É Guevara. O santo é Guevara. E acompanho a moda”. Desfechei-lhe a pergunta final: “– E a Presidência da República?”. D. Hélder respira fundo: “– Depende. A fome do Nordeste é o barril de pólvora balcânico. Fome, mortalidade infantil, muita miséria e cada vez maior. Chegarei lá”. Era o fim da “entrevista imaginária”. Despedi-me assim: “– Até logo, presidente”. Respondeu: – “Obrigado, irmão”. E antes de partir fez a última declaração: “– Olha, as donas de casa têm uma simpatia para curar dor de barriguinha em criança. Acredito mais na simpatia do que na ressurreição de Lázaro”. Disse isso e sumiu na treva.

01. Na frase “Ele se perfilava para falar, como se a sua palavra fosse o próprio Hino Nacional”, a comparação utilizada pelo cronista exprime (inde: •

- A) a retórica jornalística que falseia a objetividade do registro dos fatos.
- B) a linguagem rebuscada, comum no registro das notícias no jornalismo do passado.
- C) a insinceridade ou o cinismo comuns nas entrevistas jornalísticas.
- D) o nacionalismo retórico da entrevista com o diretor da Casa da Moeda.

02. Na frase “Ah, como é falsa a entrevista verdadeira!”, o autor exprime sua crítica às várias entrevistas que fez em sua carreira jornalística através da(o)

- A) ironia.
- B) prosopopeia.
- C) metáfora.
- D) paradoxo.

03. A crítica do cronista ao engajamento social de D. Hélder, arcebispo bastante atacado nas crônicas de A Cabra Vadia, está melhor expressa no trecho:

- A) “O arcebispo vermelho fez um sucesso tremendo nos Estados Unidos”.
- B) “Acredito mais na simpatia do que na ressurreição de Lázaro”
- C) “É Guevara. O santo é Guevara”.
- D) “Vamos ao concreto. E a fome do Nordeste?”

04. Ao despedir-se de D. Hélder com a frase “Até logo, presidente”, Nelson Rodrigues •
pretende ironizar

- A) a fama internacional alcançada por D. Hélder devido a sua militância a favor dos direitos humanos no Brasil.
- B) o carisma que D. Hélder, arcebispo de Recife e Olinda, conquistou no Nordeste como protetor dos pobres e dos oprimidos.
- C) o interesse político que subjaz à militância esquerdista de D. Hélder.
- D) o respeito que D. Hélder angariou nos Estados Unidos por sua atuação junto aos mais desfavorecidos.

05. Assinale o trecho que melhor exprime a crítica que Nelson Rodrigues dirige à Igreja progressista no que se refere ao desvirtuamento das crenças católicas convencionais. (inde: •

- A) “– Diz cá uma coisa, meu bom Nelson. Você já viu um santo, uma santa?”
- B) “Ainda nunca desconfiaste que a fome do Nordeste é o meu ganha-pão?”
- C) “Perigosa é a direita. A direita é que não dá mais nada”.
- D) ”O arcebispo vermelho fez um sucesso tremendo nos Estados Unidos”.

Instrução: Leia a crônica “Dois namorados”, de Nelson Rodrigues, para responder às cinco questões que se seguem. •

Há coisas que um grã-fino só confessa num terreno baldio, à luz de archotes, e na presença apenas de uma cabra vadia. Lembro-me de uma festa na casa não sei de quem (só sei que era grã-fino). Na altura das três da manhã, o dono da casa põe mais gelo no uísque e diz: – “Na minha casa só as criadas veem televisão”. Os circunstantes concordaram em que a televisão é uma ignomínia. E, no entanto, vejam vocês: – o anfitrião estava bêbedo da cabeça aos sapatos. Mas o grã-fino preserva, ainda no pileque, uma série de poses fundamentais. Uma delas é o falso desprezo pela TV e seus programas. Disse eu que o grã-fino só diz certas coisas num terreno baldio etc. etc. Já retifico. Nem no terreno baldio. Ele só dirá que gosta de televisão ao médium, depois de morto.

É, repito, uma pose. Na verdade, o meu anfitrião não perdia uma da Dercy, uma do Chacrinha, uma do Raul Longras. Quanto a mim, sou franco: – não preciso do terreno baldio, nem do médium. O fato de ser apenas um pequeno-burguês, sem nenhum laivo de grã-finismo, dá-me descaro bastante para confessar, aos quatro ventos: – vejo televisão e, pior, gosto de televisão.

Dirá um intelectual ou um grã-fino: – “Mas, e o nível? O nível?”. Ao que eu responderia, com a mais límpida e casta objetividade, que o tal nível, que se atribui às nossas TVs, é muito relativo. Acusamos o nível das emissoras e ninguém fala do nosso. Há uma reciprocidade de níveis. A televisão é assim porque o telespectador também o é. Uma coisa depende da outra e as duas se justificam e se absolvem. Muitos abominam o Chacrinha e adoram d. Hélder. E há coisas que d. Hélder faz e que o Chacrinha jamais ousou.

Por exemplo: – um dia, abro *O Jornal* e vejo na seção “Eles disseram” algumas declarações do grande arcebispo. Dizia ele, em resumo, que era perfeitamente legítima a “missa ao som de cuíca, tamborim, reco-reco”, etc. etc. Um católico e, ainda mais, um sacerdote propunha a “missa de gafeira”.

Portanto, é lícito dizer-se que certas posições de d. Hélder estão abaixo do nível do Chacrinha. Mas falo, falo, e esqueci o meu assunto. Vou falar, hoje, do padre Ávila. (Se não me engano, é da PUC). Mas, vejam vocês: – o nosso Ávila, além de ser padre, é (inde: sociólogo. Há um ano, um ano e pouco, estava eu assistindo a um programa de TV. E eis que aparece quem? Justamente o padre-sociólogo.

É um sociólogo que está radiante de o ser. E ele não diz um “oba” sem lhe pingar sociologia. No programa referido discorreu, exatamente, sobre o jovem. Que dizia o padre e que dizia o sociólogo? Não me lembro textualmente de suas palavras. Mas o padre Ávila começou dizendo, se não me engano, que “os tempos estão duros”.

Até aí concordei. De fato, acontecem coisas, em nossa época, que desafiam toda a nossa experiência e todo o nosso raciocínio. E, a propósito do jovem, ele referiu um episódio muito curioso. Certo rapaz cometeu, contra um amigo, um ato de extrema vileza. Pouco depois, o padre Ávila conversou com o culpado. Perguntou-lhe: – “Você não acha que foi uma deslealdade com o seu amigo?”. O rapaz, mascando goma, saiu-se com esta: – “E é preciso ser leal?”.

O padre não se espantou. Um sociólogo não se espanta. Se lhe servirem, no jantar, um ensopadinho de abóbora com ratazana, ele não concederá ao fato um único e reles ponto de exclamação. Pois bem. Até aquele momento não entendera o gesto do jovem.

Transmitiu ao telespectador a sua perplexidade. E nem o entrevistado, nem o público perceberam o óbvio ululante. Quem se escondia, ou por outra, quem não se escondia por trás do ato vil era um velho conhecido nosso – o pulha.

Mas, pergunto: – por que o nosso Ávila não reconheceu a vileza como tal? É sacerdote e, ao mesmo tempo, um sábio e, ao mesmo tempo, um professor e, ao mesmo tempo, um sociólogo. E não sabe que a infâmia é infâmia, que a indignidade é indignidade, que o cinismo é cinismo. Diante da evidência espetacular, faz-se de cego. E o padre Ávila não será o único. Há milhares, há milhões de ávilas. Por toda parte, e a começar na família, só esbarramos e só tropeçamos em ávilas de ambos os sexos.

Os pais são ávulas, as mães são ávulas, e as tias, e as cunhadas. Todos são ávulas sem batina, sem sociologia etc. etc. Também nas escolas, nas universidades, nos escritórios, nas redações os ávulas são a maioria, quase a unanimidade. O dr. Alceu fala, sem rebuços, na razão da idade. É um ávila. E como existem alceus e ávulas em todos os idiomas, ninguém julga o jovem. Não ocorre a ninguém que o jovem pode ser um santo, um herói, um justo e, também, um canalha. É um crime dar-lhe uma razão absoluta, isto é, dar razão a quem não a tem. E assim se criou uma figura sinistra, difusa, irresponsável, que ninguém ousaria julgar.

Realmente, o jovem está diante de nós sagrado, intangível. Um coroinha julga o papa. O padre de passeata condena 2 mil anos de cristianismo. Todos os valores são questionados, refutados. Só ao jovem tudo é permitido. Há coisas, porém, que justificam a nossa desesperada meditação. Quero falar de um fato concreto. Para evitar que se identifiquem as vítimas, não direi nem quando, nem onde ocorreu. Foi numa universidade que o leitor não saberá se daqui, de São Paulo, Brasília ou Belo Horizonte. Imaginem um casal de namorados de menos de vinte anos, estudantes e católicos. Um dia, o rapaz e a menina, são cercados por um bando de colegas marxistas (digamos, marxistas de galinheiro). O que estes exigem dos namorados é um atestado de ideologia. Para não tomar o tempo do leitor, direi que o primeiro a ser agredido, por uns oito ou dez, foi o rapaz. A namorada, na sua desesperada fragilidade, quis socorrê-lo. Foi logo agarrada, imobilizada. Apanhou na boca. E quase mataram o namorado, a socos, pontapés, chutes. Já sem sentidos, levou o último pé na cara. Mas não foi tudo. Lá estava o rapaz, quase morto. E, então, os outros arrastaram a menina. Também a socos, a patadas. Ah, eu sei que tudo se publica. Mas o que fizeram com a adolescente não pode ser impresso em idioma nenhum. Muito tempo depois, alguém descobriu os namorados, ainda desmaiados. Uma ambulância, ou táxi, sei lá, os levou. O crime não mereceu nenhuma imprensa e explico: – os bandidos tinham a razão da idade. O jovem estupro, por ser jovem, está acima do bem e do mal. Mas há de chegar um dia em que a juventude será julgada. (inde:

06. A frase “Na minha casa só as criadas veem televisão” exprime

É para você que escrevo, hipócrita. / Para você – sou eu que te seguro nos ombros e / grito verdades nos ouvidos, no último momento. / Me joga nos teus pés inteiramente grata. / Bofetada de estalo – decolagem lancinante – / baque de fuzil. É só para você y que letra tán / hermosa. Pratos limpos atirados no ar. Circo / instantâneo, pano rápido mas exato descendo / sobre tua cabeleira de um só golpe, e o teu / espanto! (p. 55)

Na passagem citada, reconhecemos como corretas todas as opções a seguir, exceto:

- A) a opinião do cronista de que a televisão é um meio de comunicação inferior ao jornal.
- B) o esnobismo do grã-fino que prefere o cinema à televisão.

C) a ironia do cronista em relação à baixa qualidade dos programas de televisão. •

D) a pose dos intelectuais que criticam a televisão, mas gostam dela.

07. A expressão “missa de gafeira” exprime a crítica de Nelson Rodrigues

A) ao catolicismo nada ortodoxo de D. Hélder.

B) à popularidade de D. Hélder nas passeatas.

C) ao ativismo político de D. Hélder junto aos pobres.

D) à fama de D. Hélder nos programas de televisão da época.

08. Na crônica, a crítica dirigida por Nelson Rodrigues ao padre Ávila deve-se ao comprometimento do religioso na defesa

(inde: •

A) das passeatas que se opunham ao regime militar. •

B) do liberalismo sexual trazido pela revolução dos costumes.

C) da razão da idade usada para justificar a ignomínia do poder jovem.

D) das missas populares que não respeitam o ritual canônico.

09. (A narração de um violento estupro supostamente ocorrido em uma universidade brasileira visa, no final da crônica, desmoralizar

A) o catolicismo subversivo dos padres de passeata.

B) a liberalidade dos costumes trazido pela revolução sexual.

C) o esquerdismo político de jovens violentos e canalhas.

D) a classe intelectual e o ensino superior.

10. Na frase “E como existem alceus e ávilas em todos os idiomas”, os termos sublinhados mostram que o cronista critica o ativismo político de esquerda por meio de um(a)

A) prosopopeia.

B) metonímia.

C) neologismo.

D) comparação.

11. Justifique o título “A Cabra Vadia” dado à coletânea de crônicas de Nelson Rodrigues, publicada em 1970.

Possível resposta

12. Na crônica “Terreno Baldio”, do livro A Cabra Vadia, Nelson Rodrigues realiza uma entrevista imaginária com D. Hélder Câmara, como mostra o seguinte fragmento:

“Desfechei-lhe a pergunta final: ‘– E a Presidência da República?’. D. Hélder respira fundo: ‘– Depende. A fome do Nordeste é o barril de pólvora balcânico. Fome, mortalidade infantil, muita miséria e cada vez maior. Chegarei lá’. Era o fim da ‘entrevista imaginária’. Despedi-me assim: ‘– Até logo, presidente’”. (p. 163).

Responda:

A) Quem foi D. Hélder Câmara?

B) Como Nelson Rodrigues se posicionou em relação a ele em suas crônicas?

(inde:

Possível resposta A

Possível resposta B

13. Na crônica “Festa de Cabeças Cortadas”, do livro A Cabra Vadia, Nelson Rodrigues faz referências irônicas ao famoso movimento jovem ocorrido em Paris em maio de 1968, como mostra o seguinte fragmento:

“Graças ao Dumas pai, eu e o José Lino Grünewald somos íntimos da Revolução Francesa. Falo da primeira, da autêntica e não da atual. A atual tem um defeito indesculpável: falta-lhe sangue e, repito, o sangue não jorra como a água dos tritões de chafariz. E, como não há marias antonietas, nem cabeças cortadas, o mundo já boceja. Sim, é o tédio antes do Terror (e talvez não haja nem o Terror)”. (p. 107)

Redija um parágrafo explicitando o posicionamento de Nelson Rodrigues em relação ao movimento de maio de 1968.

Possível resposta

14. Na crônica “Solidão Negra”, do livro A Cabra Vadia, Nelson Rodrigues faz o seguinte comentário sobre Pelé:

“Falemos de Pelé. Como já disse, foi o futebol que o salvou. Graças às suas botinadas, ele pode ser preto sem nenhum risco, e mais: deve ser preto, é preciso que o seja. Um Pelé branco não teria o mesmo e irresistível apelo, e seu impacto não seria tão firme e tão puro”. (p. 46)

Explique como Nelson Rodrigues, na referida crônica, relaciona o tema do preconceito racial com o futebol no Brasil.

Possível resposta

15. Na crônica “A Morte do teatro”, Nelson Rodrigues assim se manifesta em relação ao teatro engajado de esquerda:

“E talvez seja esta a santa verdade. Dizia-se que o Brasil é um país racional. Já não sei, e tenho as minhas dúvidas. Os atores não representam, e também o romancista não faz romance, nem o poeta, poesia, nem o pintor, pintura, nem o cineasta, filme. Sim, as coisas que devem ser feitas, ninguém as faz. Cabe então a pergunta: – e por quê? Primeiro, porque tanto o teatro, o romance, a poesia, a pintura ou a música vivem de umas tantas ou quantas individualidades fortes, crispadas, miguelangescas. E hoje o artista parece ser ninguém, isto é, ele morre em classes, assembleias, comícios e passeatas. O artista é um cadáver”. (p. 270)

Redija um parágrafo explicitando o posicionamento de Nelson Rodrigues em relação ao teatro social e político dos anos 1960. (inde:

Possível resposta